



CUIDADO AMBIENTAL CAMPESINO EM NARRATIVAS DE IDOSOS(AS): SABERES ENSINADOS E PRÁTICAS PRESERVADAS

Iranilson Buriti de Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande-Paraíba-Brasil-iburiti@yahoo.com.br

Taianara Catarine Ratis Santiago

Universidade Nacional de Rosário-Argentina- tatijesusshalom@gmail.com

Zélia Maria de Arruda Santiago

Universidade Estadual da Paraíba-Brasil-zeliasantiago@yahoo.com.br

RESUMO

A saúde humano-ambiental relaciona-se com problemas socioambientais resultantes da economia capitalista que visa à exploração-produção-consumo na relação natureza-homem-sociedade, gerando impactos ambientais nos espaços urbano-rurais. Neste trabalho, considera-se a realidade ambiental no meio rural investigando-se saberes-fazer sobre o cuidado ambiental campesino, tendo-se como fonte informacional narrativas de idosos(as), protagonistas das mudanças socioeconômicas ocorridas neste espaço em termos da produção e acúmulo de resíduos líquidos e sólidos em diferentes épocas (décadas de 40-90 e atuais) e temporalidades etárias (idosos/adultos/jovens). Esta pesquisa define-se como qualitativo-etnográfica realizada com moradores do Sítio Pitombeira (Barra de Santana-PB), com visita local e registros orais, seguindo as transcrições de depoimentos e entrevistas semi-estruturadas, tematizando com os idosos(as) a produção de resíduos e seu acúmulo no espaço rural (estradas, cercados, currais, rios, residências). Esta discussão norteia-se pelos estudos da Memória e Saúde Ambiental em diálogo com as mudanças socioambientais narradas e vivenciadas pelos idosos(as), a exemplo do consumo e acúmulo de produtos industrializados e seu descarte em diferentes épocas. Ainda, verificando-se práticas de descartes mais recorrentes entre gerações (queima e aterros), bem como os locais por eles determinados para o descarte dos resíduos mais “*perigosos e ofensivos a saúde*” (serrotes, locas de pedra, aterro rasos e profundos), conferindo-se saberes-fazer acerca do cuidado ambiental por eles relatado, protagonizado e ensinado as gerações. Nesta pesquisa, as narrativas dos idosos(as) são consideradas como um acervo patrimonial, porque gerado nos fazeres experienciais frente às mudanças socioambientais ocorridas em diferentes décadas e idades etárias, igualmente, relevantes ao ensino da Educação Ambiental Campesina na educação escolar local.

Palavras-chave: Ambiente campesino; Narrativas de Idosos(as); Cuidado; Preservação.

INTRODUÇÃO

Na vida contemporânea há uma crescente preocupação com a preservação ambiental em dimensões local e global manifesta em discussões acadêmico-científicas, tematizada nos movimentos sociais, divulgada nos meios da comunicação midiática, prescrita em documentos legais, pautada nos conteúdos escolares (livros didáticos, projetos pedagógicos, planos de curso e planos de aula, livros paradidáticos), presente nas atitudes cotidianas dos atores sociais. Isto, decorrente das agressões e mudanças socioambientais advindas da relação homem-sociedade-natureza marcada pelo agir humano sobre o *habitat* natural dos seres vivos, sustentadores do equilíbrio ambiental. Em termos do agir humano constata-se que o homem sempre explorou reservas da natureza não apenas para sobreviver, mas para acumular bens e capitalizá-los frente à demanda da industrialização e tecnologias do seu aperfeiçoamento,

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



atendendo a continuidade do desenvolvimento técnico-científico. A exploração não planejada dos recursos naturais ameaça a qualidade de vida dos seres vivos e, neste aquário terrestre, o ambiente perde sustentabilidade por ameaçar a saúde ambiental macrossocial e *biossistema* individual do ser humano (LONGWORTH, 2005). Atualmente, a maioria da população migrante do campo se aglomera nos centros urbanos, enfrentando mudanças socioeconômicas implantadas à vida moderna, desta forma, produzindo poluentes comprometedores da qualidade de vida urbano-ambiental.

Os poluentes ambientais produzidos pelos cidadãos e instituições sociais são tratados como lixo, por isso destinado aos lixões e, tal realidade, compromete o equilíbrio da vida urbana e planetária, especialmente, a vida humana. Pode-se pensar que esta realidade é enfrentada pela população citadina devido ao fato de neste espaço existir maior contingente populacional, portanto, mais consumidores e produtores de materiais residuais. Contrariamente, pode-se pensar que o espaço rural por nele conter menor população, conseqüentemente, existindo menos consumidores e produtores de resíduos ambientais. Pesquisas mostram que o ambiente urbano-rural enfrenta problemas socioambientais devido às mudanças no estilo de vida das pessoas na sociedade e no campo em dimensão local e global (BOFF, 2013). A preocupação com o cuidado ambiental inspira elaboração de propostas investidas por órgãos internacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas), a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura) e a OMS (Organização Mundial de Saúde).

No Brasil Agenda 21 elaborada na conferência Rio/92 é um plano de ação com metas (inter)nacionais a serem cumpridas por países desenvolvidos e em desenvolvimento frente aos impactos socioambientais, tendo-se, também, a conferência Rio+20 (2012) com ações mais amplas votadas a preservação ambiente local e global. Mais recentemente, tem-se a agenda Brasil/ONU-2030 ao decidir sobre o desenvolvimento sustentável no Brasil e América Latina, ao prescrever os seguintes objetivos: assegurar a gestão sustentável da água e saneamento básico para todos, crescimento econômico inclusivo e sustentável a todos; fomentar a industrialização inclusiva e sustentável; proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres; combater a desertificação e deter a perda da biodiversidade¹ (ALYSSON&RADICCHI, 2009). Estas mudanças causam impactos socioambientais à saúde humana pelo fato destas afetarem o bem-estar físico-mental das pessoas, estas devendo ser orientadas e informadas acerca dos riscos aos quais estão submetidos.

METODOLOGIA

Investiga-se nas narrativas de idosos(as) saberes e fazeres acerca do cuidado ambiental por eles protagonizados em diferentes épocas e temporalidades etárias, frente as mudanças relacionadas ao crescimento econômico. Esta pesquisa se realizou no Sítio Pitombeiras-Barra de Santanta-PB, registrando-se saberes e fazeres protagonizados por idosos(as) com realização de entrevistas semi-

¹ <http://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 19.10.2016.



estruturadas, narrando práticas sustentáveis de preservação ambiental interconectadas a memória coletiva e ao pertencimento local como forma de enfrentar danos ambientais locais. Os estudos acerca da memória (ALBERTI, 2004; BOSI, 2003), Educação Ambiental (PELIZZOLI, 2013; BOFF, 2013) e saúde ambiental (MINAYO, 2006) norteiam esta discussão teórica e procedimental. O contexto sociocultural deste Sítio é traçado com registros e descrições de informantes moradores aí residentes desde os anos 40, que vivenciaram mudanças comportamentais intergeracionais nos aspectos socioeconômicos, culturais, educacionais, saúde, esporte, lazer, trabalho, moradia, religião, trabalho e ocupações diárias nesta comunidade rural.

Por meio da observação participante foi possível descrever e mapear o espaço físico local (aumento de casas e moradias, construção de escolas e posto de saúde, campo futebol, rio, poços, estradas, cercados, currais, cisternas, irrigação, energia, mídia, internet, aumento frota de transporte privado e público - escolar, etc), constatando-se que estes moradores vivenciaram diferentes mudanças socioambientais de cujas experiências surgem algumas questões que direcionam esta discussão: Quais mudanças socioambientais são narradas por idosos(as) desta comunidade rural? Destas, quais as mais recorrentes entre o seu tempo e os dias atuais? Que saberes relacionados a estas mudanças são ensináveis as gerações mais jovens? Estas questões fundamentam os objetivos sustentadores na operacionalização desta discussão ao (i) Identificar mudanças socioambientais relacionadas ao consumo de produtos industrializados e seu acúmulo residual no ambiente rural narradas por idosos(as), moradores desta comunidade; ii) Verificar quais práticas de descarte são mais recorrentes entre diferentes épocas e gerações; iii) Conferir quais saberes práticos do descarte residual são ensináveis as gerações mais jovens nesta comunidade; iv) Reconhecer as narrativas dos idosos(as) como um acervo patrimonial à preservação ambiental e seu ensino nas escolas locais. Participaram desta pesquisa quinze pessoas idosas na faixa entre 62-85 anos, destacando-se narrativas de falantes idosos(as) aí residentes desde os anos 40, tendo-se como referência de análise trechos narratórios que revelam alterações socioambientais ocorridas em diferentes décadas.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1.IDOSOS(AS) NO AMBIENTE CAMPESINO: Memórias (inter)ditas e (re)lidas

A concepção de memória não se limita à compreensão de uma capacidade biológica, idades cronológicas ou experiências subjetivas, mas relacionada a um contexto social coletivo construído sociohistoricamente com o outro (BOSI, 2003). As lembranças retomadas chegam às narrativas no tempo presente de maneira ‘descongelada’, entendendo-as num movimento de cognição seletiva de (re)construção, pois a memória social refaz experiências ao redizê-las aos interlocutores no tempo presente. Neste sentido, as memórias lembradas não significam uma ação mecânica ou puramente pessoal (subjetiva), mas



(re)afirmam situações não fronteiriças com o biológico, o homogêneo ou nos limites da percepção individualizada, mas nas *relações reinventadas com o outro e pertencente ao outro* (PINTO, et al 2008). Os sujeitos enunciadorees idosos(as) a medida que narram saberes relacionados a mudanças ambientais locais, repensam conceitos, (re)definem lugares e (re)elaboram experiências passadas, tratando-se não apenas de uma memória histórica como fatos experienciados, mas de uma memória macrossocial ao tornarem-se fontes informacionais da cultura, economia, educação, geografia, família, lazer, culinária, etc vivenciadas neste lugar e construídas de forma coletiva. Com Bosi (2003) entende-se que estes aspectos demarcam lugares estáticos ocupados na memória, evidentemente, não restaurados por ela em sua concretude, no entanto, capaz de atribuir sentidos aos tempos vividos nestes lugares ao narrar fatos, ao mesmo tempo em que responde a indagações, geradas no *continuum* social dos tempos passado, presente e futuro. A memória no sentido da (re)construção do patrimônio coletivo e individual é tratada no Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), artigo 21, parágrafo 2º, da referida lei.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

/.../

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Esses trechos legislativos pressupõem a concepção da memória como um lugar onde se estabelece interlocuções entre o dado subjetivo e cultural do passado, e o posto sociocultural atual, realizando-se pela linguagem no diálogo narrativo. Neste momento interlocutivo, a narrativa dialógica torna-se um acervo patrimonial ou, mesmo, uma ‘biblioteca’ de *saberes populares* tradicionais (FREIRE, 1987) disponíveis no discurso oral de sujeitos que narram *experiências e histórias de vida* (ALBERTI, 2004). Com estes autores, entende-se que o acervo cultural são rabiscos *rascunhados no texto empírico oral* construído nas narrativas orais intergeracionais, em cujo texto autor, leitor e ouvinte acessam e (re)interpretam informações ‘joradas’ do acervo cultural do ambiente campesino local (KOCH, 1997). Ao aproximar os preditivos legais às colocações teóricas referendadas em Bosi, Freire e Alberti neste trabalho, verificam-se termos com significados próximos, a exemplo de transmitir, narrar e dialogar, entendidos nesta discussão, como dispositivos discursivos utilizados pelos narradores(as), não apenas para narrar, mas transmitir saberes-fazeres relacionados aos cuidados ambientais do seu tempo em diálogo com práticas de preservação atuais.



Tem-se transmissores narradores e ouvintes que, mutuamente, (re)interpretam informações a respeito de situações ambientais “*daquele tempo*”, mas (re)criadas no “*tempo de hoje*” (MARANGONI, 2011). Considera-se que os idosos(as) ao narrarem saberes protagonizados sobre o cuidado ambiental em diferentes épocas, ensinam (transmitem) fazeres de cuidados ambientais às gerações mais jovens, tendo em vista a preservação da saúde humana e ambiental local. Entende-se que a degradação ambiental, provocada por mudanças socioeconômicas e culturais, age como indicativo da violência socioambiental nos espaços urbano-rurais gerando problemas à saúde humano-ambiental. Neste sentido, tem-se a lógica contraditória “produção-destruição” do desenvolvimento tecnológico afirmado no estilo da vida moderna, cuja lógica distancia-se das práticas sustentáveis e conscientes entre governados e governantes. Esta vulnerabilidade ambiental exige cuidado legislativo e instrucional com participação e envolvimento populacional sob orientação educacional responsável quanto às atitudes de preservação local e reivindicação institucional consciente em dimensão local e global. Evidentemente, que estas e outras mudanças sociais local e global afetam, diretamente, a saúde ambiental e a vida saudável populacional no espaço urbano-rural, pois o estilo de vida dos camponeses é influenciado pelo desenvolvimento econômico de base industrial. Por isso, a relevância dos saberes-fazeres narrados e protagonizados por idosos(as) acerca das mudanças sociais geradas nas práticas de consumo no cotidiano camponês, assimiladas pelos pitombeirenses em diferentes décadas e gerações, as quais demandam cuidados emergenciais de preservação ambiental local.

3.RESUTADOS E DISCUSSÕES

3.1.AMBIENTE CAMPEÑO: saberes do cuidado, fazeres preservados

Os rememadores idosos(as) descrevem e pontuam mudanças ambientais vivenciadas nas temporalidades do seu tempo interconectadas com as dos tempos atuais, as quais foram (re)inventadas em seus fazeres cotidianos como táticas de preservação ambiental (CERTEAU, 2009). A preservação ambiental gerada no contexto onde viveram/vivem, referem-se aos lugares da memória narrados acerca do que antes nele existia, e hoje não mais existe, precisamente mudanças nas paisagens naturais, a exemplo da derrubada de árvores, queima de plantas nativas, cultivo do algodão e agave, atividade da agricultura, também, nos hábitos da provisão alimentar por meio de criadouros e abate de animais, caça e pesca para o consumo alimentar, etc. As narrativas dos idosos(as) ao dialogarem com experiências passadas e atuais (re)dizem sentimentos



de pertença, refazem fronteiras sociais quando falam da cotidianidade da vida campesina “calma, pacata”, mas, também, muito “atrasada” em relação à vida na cidade. Ao narrarem interagem com lembranças do contexto social, dialogando com tempos passado/presente, pontuando diferentes práticas de consumo, bem como acerca do acúmulo residual, realizadas por gerações mais jovens no Sítio Pitombeira, conforme esclarece uma das idosas entrevistadas:

(F1)“O lixo era mais pouco porque o povo comia mais coisa lucrada², tinha os depósitos /.../ a gente não comprava /.../ não tinha sacola para buscar a feira, fazia a feira e trazia na cabeça, jumento” (idoso, 86 anos).

Em termos da comunicação midiática, relembram que as pessoas do seu tempo adquiriam o rádio de pilha (não havia televisão, tampouco energia), revistas (manchete, pais e filhos, cruzeiro), folhetos de cordel, livros escolares, pedaços de jornal impresso em compras de feira, etc. Eles não apenas narram o vivenciado em termos do cuidado e da preservação ambiental como experiências individuais e coletivas, mas tematizam, contextualizam e incorporam vivências socioculturais atuais. Com base nestas colocações, percebe-se que as narrativas sobre o rural campesino reaparecem (re)significadas socioculturalmente por dialogar com vivências individual e coletiva interligando passado/presente. Esta interconexão incorpora um valor educativo para a comunidade e gerações, pois a memória reconstrói o passado com a ajuda de informações/informantes do presente. As narrativas permitem traçar um perfil quanto as práticas de consumo nas famílias pitombeirenses, observando-se alternativas por eles (re)inventadas nos enfrentamentos do seu acúmulo no ambiente rural (CERTEAU, 2009). Nesta base de análise, têm-se duas modalidades temáticas em discussão representadas nos trechos narratórios dos idosos(as), quais sejam, a) mudanças nas práticas sociais de consumo na vida campesina, referentes ao cuidado ambiental por eles construídos e, b) demanda descartável de agentes poluidores resultantes destas práticas, consideradas saberes-fazer protagonizados e preservados pelos idosos(as) no ambiente campesino.

Os narradores idosos(as) com mais 60 anos perfilam esta realidade ao descrever como era este cenário em épocas passadas, conforme relatos extraídos de suas narrativas, ao discorrerem sobre mudanças socioculturais decorrentes da produção e acúmulo residuais sólidos e líquidos no espaço pesquisado, comumente interpretado como lixo. Nestes termos, que mudanças são mais evidentes no ambiente campesino entre o seu tempo e os dias atuais? Tais mudanças verificam-se no texto empírico produzido por autores residentes no contexto rural pesquisado, verificadas em suas narrativas:

² Coisa lucrada é uma expressão que se refere àquilo que foi colhido no roçado: milho, feijão, fava, jerimum, dentre outros produtos.



F2: “antigamente o lixo era solto /.../ hoje aumentou as bolsa de plástico, tudo hoje vem nas bolsas de plástico já pronto, hoje é tudo industrializado” (idosa, 87 anos).

F3: “hoje tem muito lixo, televisão/.../ não tinha lâmpada, sofá, armário, era umas caixa de madeira na parede /.../ não tinha guarda roupa tinha mala de madeira, umas caixa de madeira que botava a roupa /.../ quando essas coisa ficava veia a gente queimava” (idoso, 75 anos).

F4: “/.../ a comida era original, o tipo de fazer também era diferente, a gente levava a mochila de pano de todo tamanho pra fazer a feira e tinha mais o nome bordado /.../” (idoso, 68 anos).

F5: “hoje usa mais enlatado /.../ não tinha fralda descartável /.../ as comida antigamente não vinha pronta, antigamente as comida tinha que ir pro fogo, preparar a massa” (idosa, 63 anos).

F6: “tem muita diferença /.../ não existia caixa de papelão pra embruiar, não usava lata, o óleo vinha nas vasilha de metal, a vasilha levava de casa pra mercearia pra comprar óleo e botar na vasilha” (idosa, 63 anos).

F7: “hoje eu compro mais em caixinha, embalagem de papelão pra evitar, tem muito mais lixo de embalagem, vidro, plástico, até as carnes é embalada em plástico e isopor /.../ o ruim é porque ficou mais lixo” (idosa, 61 anos).

Estes trechos narrativos são fragmentos incrustados à memória social subjetiva e coletiva dos falantes idosos(as) que remetem a diferentes tempos históricos (década de 40 e atuais), ao contexto socioeconômico e cultural modificado no decorrer das referidas décadas. Esta mudança histórica é percebida nas marcas temporais (passado/presente) representadas por expressões adverbiais “antigamente/hoje” (F2), delimitadoras de fronteiras que expressam diferenças no cenário da vida campesina ontem/hoje. As diferenças fronteiriças são esculpidas nos indicadores adverbiais negação/afirmação arquitetados nos discursos polarizantes destes falantes, como “era mais pouco”/“não tinha...” (F1); “tem muita diferença /.../ não existia”, com acréscimos reforçadores com tempos verbais de ações pretéritas. Por (re)contextualizarem mudanças ambientais sobre práticas de consumo, os protagonistas idosos(as) deixam evidentes o que perceberam/percebem ao consumirem produtos domésticos (limpeza, alimento, móveis, construção, eletrodoméstico, eletrônico, plástico, fármaco, cama, mesa e banho, etc), agropecuários (carroças, máquinas, ração, veterinária, cordas, celas, cangalhas, etc) e pessoal (roupas, calçados, cosméticos, acessórios, cabeleireiro, etc), há mais de sessenta anos ao residirem no sítio Pitombeiras.

As expressões temporais situam o conteúdo social produzido no contexto históricocultural pertencente a este lugar ao historicizarem realidades contextuais transformadas pelas demandas socioeconômicas não registradas em fontes oficiais, (ALBERTI, 2004). Observam-se mudanças na produção, acumulação e descarte residuais, entendidas pela maioria dos narradores como ‘lixo’, sendo unânimes em afirmarem que existe um ‘antes’ e um ‘depois’ no cenário campesino. A maioria enfatizando que



“antigamente o lixo era solto /.../ hoje aumentou /.../, tudo hoje vem nas bolsas de plástico já pronto, hoje é tudo industrializado”, eles testemunham que no seu tempo histórico o *“lixo era mais pouco porque o povo comia mais coisa lucrada”*. Os trechos narratórios explicam a inexistência de mecanismos ativos de compras pelo fato de os alimentos serem lucrados e armazenados em silos domésticos (*“depósitos”*), portanto, não necessitando do excesso de compras. Mas, quando da necessidade da sua realização, assim, faziam em poucas quantidades em mercearias (bodegas) locais ou em cidades mais próximas e, para transportá-las, carregavam consigo ou em animais, pois *“trazia na cabeça, jumento”* (F1, 87 anos)³, cujo falante enfatiza que neste tempo *“não tinha sacola para buscar a feira”*. Esta problemática social campesina explicada em narrativas históricas revela que *“hoje aumentou as bolsas de plástico”* e, além de que *“tudo hoje vem nas bolsas de plástico já pronto, hoje é tudo industrializado”*, demarcando mudanças sociais de consumo na sociedade industrializada em confronto com uma realidade local mais artesanal.

Verifica-se que estas demandas não se limitam a produtos alimentícios ou agropecuários, mas a móveis e eletrodomésticos, a exemplo do acúmulo de resíduos não degradáveis, como a *“televisão, lâmpada, sofá, armário”* (F3). Eles descrevem que, antigamente estes tipos de resíduos não existiam nas residências locais ao revelarem que o *“armário era umas caixa de madeira na parede”*, também, *“não tinha guarda roupa”*, utilizavam *“mala de madeira”* para arrumarem vestimentas pessoais e peças de cama, mesa e banho. Às falas dos narradores pitombeirenses perpassam realidades sociais artesanais e industriais numa perspectiva inconclusa, pois as práticas do consumo se alargam e diversificam, muitas vezes, interpretadas como atitudes consumistas ‘normais’ do mundo moderno por necessidade, mas não planejadas. Embora se percebendo que as narrativas dos *“idosos(as) velhos”* (70 e, mais de 80 anos) se distanciam dos *“idosos(as) jovens”* (faixa etária 60-70 anos), verifica-se que estas práticas continuam registradas entre as gerações, demarcando o crescente consumo atual em contraste com práticas passadas (PRETI, 1991).

Pontua-se que estas mudanças, resultantes do desenvolvimento técnico-científico, proporcionaram/proporcionam uma melhor qualidade de vida campesina, por facilitar realizações das atividades domésticas e agropecuárias cotidianas, no entanto, entende-se que o consumo no espaço urbano ou rural, deve ser planejado em termos da produção-descarte com iniciativas populares e governamentais. Nestas constata-se realidades de consumo relacionadas a alimentação a revelarem que a *“comida era original”* (F4), bem como a sua maneira de prepará-la e, até, de transportá-la das bodegas às residências. Idosos(as) revelando que *“a gente levava a mochila de pano”* com tamanhos variados efetuar as compras básicas, pontuando que nelas havia *“o nome bordado”*. As narrativas vão afirmando sobre o contraste entre práticas antigas e atuais em termos da aquisição e preparação dos alimentos, pois os narradores enfatizam que *“hoje usa mais enlatado /.../”* (F5), *“antigamente as comida tinha que ir pro fogo”* (F5), em contraste com práticas atuais, pois *“tudo é industrializado”* (F2). Observa-se que esta

³ O narrador mais antigo deste lugar.



atividade se enfraquece na vida campesina atual, pois uma vez que trabalham e estudam em cidades próximas, prevalecem às compras em padarias, restaurantes, mercadinhos, marmitas e, outros.

As narrativas referendam mudanças com experiências intergeracionais verificadas nas temporalidades arquivadas no tempo *vivo da memória* (BOSI, 2003) entre idosos(as) ‘velhos’ e ‘jovens’. Mudanças interpostas nas lembranças de idosos(as) do contexto social na décadas de 60, ao narrarem que no seu tempo não existia consumo de tantos produtos industrializados, evidentemente, falando de um espaço ambiental sem tanta produção de resíduos orgânico/inorgânico, a exemplo de que antigamente “*não tinha fralda descartável*” (cf F5), realidade verificada noutras memórias faladas:

F8:“/.../ não existia caixa de papelão pra embruiar, não usava lata, o óleo vinha nas vasilha de metal, a vasilha levava de casa pra mercearia pra comprar óleo e botar na vasilha” (idosa, 63 anos).

F9:“hoje eu compro nas caixinhas, embalagem de papelão pra evitar, tem muito mais lixo de embalagem, vidro, plástico, até as carnes é embalada em plástico e isopor /.../ o ruim é porque ficou mais lixo” (idosa, 61 anos).

Seus relatos confirmam mudanças protagonizadas entre gerações por (re)dizerem enunciados do passado, tendo-se nelas não apenas meros sujeitos enunciadore, mas autênticos autores das mudanças sociais. Pontuam que, na década de 50, não havia “*caixa de papelão pra embruiar*” embalagens de mercadorias compradas, igualmente, não existindo “*lata*” para a compra do óleo de cozinha, pois esta mercadoria estaria disponível à venda coletiva de forma armazenada em “*vasilha de metal*” (F8), entendendo-se como uma venda a varejo, por isso, todos teriam que levar uma “*vasilha de casa pra mercearia*” (F8), a fim de adquiri-lo. Embora este fragmento narratório refira-se a comportamentos de consumo restritos à época, nele são verificadas práticas de consumo em movimentos de mudanças quanto ao crescimento da produção residual acumulado no espaço rural. Esta realidade exigia outros fazeres sobre o descarte ao longo de várias décadas, compreendidos nesta discussão, como *táticas* de preservação ambiental geradas pela necessidade gestarem a produção cumulativa dos resíduos, ainda que se realize na *invenção cotidiana* sem orientação adequada (CERTEAU, 2009). Quanto às práticas de cuidado/preservação em conformidade com um fazer higienizado neste espaço ambiental eles mencionam a queima, reconhecendo que se não existisse a queima haveria maior proliferação e entulho de insetos nas residências e no entorno dos roçados, como “*barata, rato*”. Neste sentido, a queima é utilizada para imunizar não apenas o espaço ambiental, mas o ambiente doméstico, verificando-se como justificativa as seguintes colocações.

F10:“a queima nunca tá certo por causa da poluição, mas a gente não tem onde botar. Se aqui tivesse carro pegando lixo a gente não queimava /.../ não pode deixar voando” (idosa, 61 anos).

F11:“enquanto não tem coleta no campo a gente queima, não pode entulhar, cria inseto, barata, rato, então o negócio é queimar tudo pra ficar limpo... o fogo queima tudo” (idosa, 68 anos).



Evidentemente, os moradores percebem a queima ora como um meio eficiente e confiável para ‘destruir’, totalmente, os resíduos agropecuários e domésticos considerada por eles como um meio que pode “causar poluição”, justificando-se que assim realizam porque não “tem onde botar” o lixo (F10), também, porque “não pode deixar voando” ou, ainda, “jogado” ao céu aberto no ambiente. Reconhecem que assim fazem pela falta da implantação do sistema coletor permanente em rede domiciliar, explicando que é melhor proceder desta forma que deixar o ambiente mais poluído, verificando-se a intenção coletiva de cuidar e higienizar o ambiente. Nestas narrativas percebe-se que eles sentem-se mais seguros quanto à higienização ambiental por meio da queima, uma vez que acreditam que “o fogo queima tudo” (F11). Os registros de campo transcendem as narrativas ao revelarem o que eles queimam e como o fazem, afirmando que “a gente queima tudo... não fica nada”, “eu queimo tudo”, “toda semana eu queimo”, “queimo tudo e não fica nada”, “aqui tacam fogo nos animais”, “junto tudo numa vala e toco fogo”, “aqui já tem o canto de queimar”, “a agente olha a posição do vento e mete fogo”, “se o vento levar pra casa do vizinho, a gente não queima”, “tem que saber queimar pra num adoecer o povo”, “tem criança e gente com alergia”. Verifica-se que a queima é uma prática regular e recorrente entre gerações ao longo das décadas, eles denominando o que queimam, a exemplo de “sacolinha na lixeira, bolsa de plástico com sujeira, papel, chinelo velho, garrafa de plástico, move velho, sofá veio, lixo ensacado”.

Outra intervenção dos moradores sobre o cuidado ambiental local é o destino dos resíduos duráveis depositados em lugares ermos distantes do entorno residencial, comumente denominado na comunidade como “serrote”, “loca de pedra”, “lajedo”, para os quais convergem peças descartadas como, gilete, vidro, lâmpada, metal, pilha, peças de eletrodomésticos, computador, etc. Mas, atualmente nesta localidade há tanto lixo que sequer a queima pode ‘neutralizar’ seus efeitos ambientais, como o “vidro inteiro” ou “quebrado”, “lata de metal”, “televisão veia” ou, então, animais “quando morre de doença infecciosa”. Isto pelo fato de que “o vidro não queima... a gente acumula lá atrás de casa” ou joga no serrote porque “num tem mais lugar” no entorno residencial, enfatizando que “agora é tanto lixo que não sei onde botar, lixo que não pode queimar”, por isso estes moradores sempre (re)inventam alternativas para ‘tratar’ o ambiente local (CERTEAU, 2009).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Entende-se que os pitombeirenses adotam estas alternativas de descarte porque não há outra opção de coleta e destino final dos resíduos, pois não existem serviços de coleta pública em domicílio, apesar de compreenderem que tais práticas provocam danos ambientais, a exemplo da contaminação das águas, proliferação de vetores transmissores de doenças, mau cheiro no ambiente, esgoto e lixo ao ar livre, dentre outros. Eles entendem que tais práticas, a exemplo da queima, interferem na saúde humana e ambiental que, segundo suas narrativas, provocam problemas alérgicos e pulmonares aos moradores locais (crianças, jovens, adultos e idosos). Os moradores constroem um *saber popular* (FREIRE, 2006) sobre o cuidado ambiental com intenção de preservar o mundo material e humano, não reconhecido no saber científico ou escolarizado que perpassa gerações de forma espontânea fundado na experiência cotidiana frente às mudanças socioambientais.

Os moradores inventam e repassam formas de descartes populares tradicionais, muitas vezes, inadequados, mas necessárias ao ritmo de vida e realidade social vivenciada. Estes saberes e fazeres são fontes de informações de histórias de vida e experiências geradas no contexto campestre, devendo ser adotados como recurso didático tratado em todas as disciplinas da educação escolar, sobretudo, nas séries iniciais enquanto há escolas municipais nesta localidade. As crianças devem ser informadas dos problemas socioambientais gerados neste espaço campestre, a fim de (re)elaborem uma leitura sustentável neste espaço onde vivem e crescem. As narrativas não silenciam esta realidade omissa e descompromissada do poder público local, por isso, estas devem ser consideradas como um material didático ‘vivo’ à educação local, por ser um saber extraído do contexto construído nas entranhas dos fazeres da vida cotidiana, devendo ser contextualizado, tematizado e problematizado na escola.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALYSSON, F.L.&RADICCHI, A.L.A. **Saúde ambiental**. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, Coopmed, 2009.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: O que é, o que não é?** Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. S.P. Ateliê, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Ambiental**. Brasília, 1999.
- _____. **Transformando o nosso mundo: A agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. <http://nacoesunidas.org/>. Acesso em 19.10.2015.
- CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **A importância do ato de ler**. S.P. Cortez, 2006.
- KOCH, I.G. **Vilaça. O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.
- LONGWORTH, N. **El aprendizaje a lo largo de la vida en la práctica: transformar la educación en el siglo XXI**. Barcelona: PAIDÓS, 2005.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

MARANGONI, J.F.C. **Meu tempo e seu tempo: possibilidades de coeducação no relacionamento humano entre avós e netos.** Curitiba, PR. CRV, 2011.

MINAYO, M.C.S. **Violência e saúde.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

PELIZZOLI, M.L. **Ética e meio ambiente: para uma sociedade sustentável.** Petrópolis, Vozes, 2013.

PINTO, A.L.G., GOMES, G.G.; SILVA, L.C.B. **Memórias de leitura e formação de professores.** Campinas, S.P. 2008.

PRETI, D. **A linguagem dos idosos.** São Paulo: Contexto, 1991.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br